

Antonio Francisco

A Saga de um Prefeito  
e o bando de


**Lamplião**



Autor: Antonio Francisco



## Um Prefeito bom de Briga e o Bando de Lampião

tarde se afastava  
Dos raios da luz do dia  
Deixando pra trás a nuvem  
Da neblina que caía  
E a terra matando a sede  
Nos pingos da água fria.

Os relâmpagos faiscavam  
Por cima dos vegetais  
Logo mais vinham os trovões  
Gaguejando por detrás  
Balançando o mar de leques  
Dos verdes carnaubais.

As borboletas voavam  
De uma estranha maneira  
Como quem profetizavam  
Dizendo a cidade inteira  
O que ia acontecer  
Naquela segunda-feira.

E o que aconteceu  
Na terra da liberdade  
Naquela segunda-feira  
Ficou impresso na grade  
Da gaiola aonde fica  
A memória da cidade.

Nesse dia Mossoró  
Bebeu do mel da vitória.  
Deu um banho de bravura  
E o outro de fama e glória,  
E um brilho de orgulho  
No mapa da sua História.

Foi em mil e novecentos  
E vinte e sete, o ano,  
No dia treze de junho  
Que Mossoró, mano a mano,  
Venceu o maior bandido  
Do sertão pernambucano.

Nesse tempo além de seca  
No Nordeste brasileiro  
Mastigando a fé do povo,  
Cortando o sertão inteiro,  
Ainda tinha o fantasma  
Do terrível cangaceiro.



Capitão Virgílio de Almeida (Lampião)

Cel. Rodolpho.

Estando eu até aqui  
pretendendo ir já foi sem  
aviso; ali gozou o seu  
se por acaso negar-me.  
a honra, sei a importância  
qualquer nospedi. Eu enviei  
di Central ali porém não  
vinde esta importância se  
entrarei, até lá penso que adeus  
querer. se entro e não aver  
minha estraga, por isto si vir  
sede ou não entro, ali nos  
nos responde logo.

Capitão Virgílio

Bilhete de Lampião ao Prefeito de Mossoró Cel. Rodolfo Fernandes



Parido por um sistema  
Castrador, cruel e vil,  
Que muitas vezes fazia  
O camponês varonil  
Trocar o cabo da enxada  
Pelo coice do fuzil.

E de todos cangaceiros  
Que assolava o sertão,  
O mais cruel deles era  
Virgolino, Lampião,  
Que só respeitava a lei  
Da mira do mosquetão.

Já tinha andado três quartos  
Dos estados nordestinos  
Semeando nos sertões  
Os mais cruéis desatinos  
Com seu bando organizado  
De ladrões e assassinos.

E como vinha marchando  
Ombro a ombro com a sorte  
E em cada estado ficando  
Mais respeitado e mais forte,  
Resolveu lambar um pouco  
Do Rio Grande do Norte.

E entrou em nosso estado  
Como uma tempestade:  
Assaltando residência,  
Predando sítio e cidade  
Atropelando e matando  
Conforme a sua vontade.

Logo, logo Mossoró  
Descobriu que Lampião  
Na frente de seu cangaço  
Vinha em sua direção  
Deixando aonde passava  
A marca da sua mão

E como Mossoró tinha  
Uma boa economia,  
Era mais que atração  
Pra Lampião que dizia  
Que sustentava o seu reino  
Dos assaltos que fazia.

Era Rodolfo Fernandes  
O prefeito da cidade,  
Homem feito de coragem,  
De garra e sagacidade,  
Moldado pra dirigir  
A terra da liberdade.

E como todo bom líder,  
Pensou logo na defesa  
Mandou comprar munição  
E armas em Fortaleza  
Pra Lampião não pegar  
A cidade de surpresa.

Tirou velhos e meninos  
E mulheres da cidade  
Para outra mais distante  
Da sua comunidade  
Para que seus combatentes  
Lutassem mais à vontade.

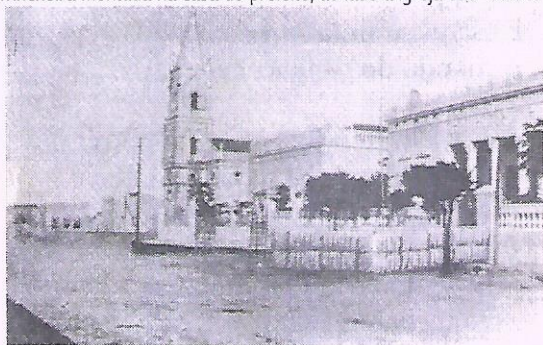
Na entrada da cidade  
Colocou um cidadão,  
Atento, pra disparar  
Um tiro de mosquetão  
Na hora que ele avistasse  
O bando de Lampião.

Na matriz de São Vicente  
Em cada uma janela,  
Que tem em cima da torre,  
Colocou um sentinela,  
Com um fuzil escalado,  
Pra atirar de cima dela.





Trincheira montada na casa do prefeito, ao lado a igreja São Vicente.





Em cada canto estratégico  
Levantou uma trincheira  
De sacos de algodão  
Reforçada de madeira,  
Transformando Mossoró  
Numa grande ratoeira.

Enquanto isso ali perto  
Na simples comunidade  
De Passagem de Oiticica  
Pequena localidade  
Lampião se preparava  
Pra invadir a cidade.

E foi dali que Gurgel  
Um refém do bandoleiro  
Pegou caneta e papel  
E um pequeno tinteiro  
E escreveu uma carta  
A mando do cangaceiro.

Dizendo assim: "Seu Rodolfo  
Mande esta quantidade  
A de quatrocentos contos  
De réis da comunidade  
Que eu Lampião irei  
Sem machucar a cidade."

Quando o prefeito abriu  
A carta e viu o valor  
Subiu seu peito e desceu  
Seu rosto mudou de cor  
E mandou logo a resposta  
Pelo mesmo portador.

Dizendo assim: "Lampião  
Se você quiser brincar  
De cangaceiro comigo  
É só você vir contar  
O dinheiro que o povo  
De Mossoró quer lhe dar."

Quando Virgolino leu  
A resposta do prefeito,  
Disse tremendo do pé  
Até o bico do peito:  
- Vamos entrar na cidade  
E levar tudo de oito.

E entrou em Mossoró  
Valente como um vespeiro  
Mas quando avistou as torres  
Disse para um companheiro  
- Cidade de três igrejas  
Não dá para cangaceiro.

E saiu pela tangente  
Pesaroso mudo e sério,  
Com uma parte pequena  
De homens do seu império,  
E foram se esconder  
Lá dentro do Cemitério.

Mas um pedaço do grupo  
Debaixo da autoridade  
Do cangaceiro Sabino  
Partiu com velocidade  
Pela rua principal  
Para o centro da cidade.

Outra parte ia debaixo  
Das ordens de um sujeito  
Por nome de Massilon  
Que trazia o plano feito  
De invadir a mansão  
Onde morava o prefeito.

Além dos dois grupos, ia  
A coluna do valente  
Cangaceiro Jararaca  
Que ia louco na frente  
Gritando alto e pulando  
Encharcado de aguardente.

Nas trincheiras os defensores  
Prendiam a respiração  
Todos olhando por cima  
Da mira do mosquetão  
Pra linha do horizonte  
Esperando Lampião.

Quando o vigia que estava  
Na entrada da cidade  
Disparou seu mosquetão  
Desabou a tempestade.  
De balas e palavrões  
Na terra da liberdade.

O cangaceiro Colchete  
Desabou na terra fria  
Um raio desceu do céu  
Balançando a luz do dia  
Fotografando o cenário  
Daquela tarde sombria.

As balas saíam loucas  
Dos fuzis dos defensores  
Como um bando enfurecido  
De pequenos beija-flores  
Cortando o ar e cantando  
Procurando os invasores.



Quando Sabino avistou  
Colchete morto no chão  
Gritou com todas as forças  
Que tinha no seu pulmão:  
- Vamos voltar companheiros!  
Aqui num dá pra nós não!

Mas Jararaca não quis  
Ouvir o seu companheiro  
Correu para onde estava  
O corpo do seu parceiro  
Pra ver se Colchete tinha,  
No bornó, algum dinheiro.

Foi quando levou um tiro  
E caiu no chão molhado  
Mas logo se levantou  
E foi de novo chumbado  
E saiu se arrastando  
Da cidade baleado.

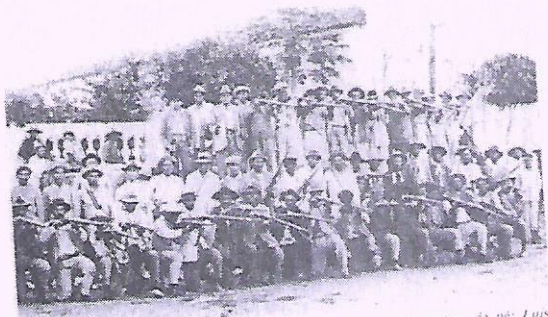
Quando Sabino contou  
O que viu a Lampião.  
Lampião disse: - Sabino  
Vamos voltar pro sertão  
Já perdi gente demais  
Neste pedaço de chão.



Cangaceiro Jararaca, na cadeia pública de Mossoró



Bando de Lampião que atacou Mossoró



*Trincheira de Rodolfo. Da esquerda para a direita, fila da frente, de pé: Luis Amâncio, Contrado Barboza, Rochinha Freire, Alcides Dias Fernandes, Julio Maia, Rodolfo (Prefeito), José Rodolfo, Duarte, Francisco Pinto, Antônio, Francisco Vidal, Paulino Arão; 3ª fila: Francisco Quairoz, Cosinha Fernandes, José Pereira e outros. (foto Otávio, após a dia 13)*



*Trincheira do Telégrafo -- (Serviço de quartel a polícia). Da direita para a esquerda, na frente: dentistas Antônio Brasil e José Furlado; funcionários Antônio Araújo e Manoel Lourenço; outros: (foto Otávio, após a dia 13)*

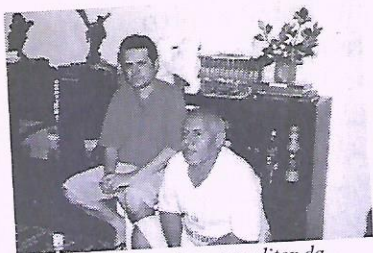
E partiu voando baixo  
Quebrando vara e cipó,  
Ouvindo em todo estalar  
Dos galhos de mororó  
O pipocar dos fuzis  
Dos bravos de Mossoró.

Partiu deixando pra trás  
Um povo bravo e valente,  
Umas feridas de balas  
Na Matriz de São Vicente,  
E o fantasma da briga  
No cemitério da gente.

Eu não sei se eu contei  
Como papai contou não  
E nem porque foi não foi  
Eu sinto aquela impressão  
Que o pai de papai era  
Do bando de Lampião.

**FIM**





*Antonio Francisco e o editor da  
Queima-Bucha Gustavo Luz*

**Antonio Francisco Teixeira de Melo**, filho de Francisco Petronilo de Melo e Pêdra Teixeira de Melo, nasceu em Mossoró, RN, a 21 de outubro de 1949. Tem graduação em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. É autor dos livros *Dez cordéis num cordel só*, *Por Motivos de Versos e Veredas de Sombras* é criador do projeto *Entre Cordas e Cordéis*, e membro da Academia Brasileira de Literatura e Cordel - ABLC.



## LAMPIÃO E O PREFEITO DE MOSSORÓ

**NO DIA 13 DE JUNHO DE 1927**, Lampião, que havia dias assediava a cidade de Mossoró, no Rio Grande do Norte, enviou uma carta ao seu prefeito, Rodolfo Fernandes, exigindo quatrocentos contos de réis para não atacar a cidade. Tendo o prefeito recusado a proposta, igualmente por carta, Lampião e seu bando invadiram a cidade.

**CARTA DE LAMPIÃO AO PREFEITO** - "Coronel Rodolfo: Estando eu aqui, o que pretendo é dinheiro. Já foi um aviso para o senhor aí. Se por acaso resolver mandar-me a importância que nós pedimos, evito a entrada aí; não vindo essa importância, eu entrarei até aí. Penso que, a Deus querer, eu entro, e vai haver muito estrago. Por isso, se vier o dinheiro, eu não entro aí. Mas mande resposta logo. Virgulino Ferreira, Capitão Lampião."

**RESPOSTA DO PREFEITO A LAMPIÃO** - "Virgulino Lampião: Recebi o seu bilhete e respondo que não tenho a importância que pede; o comércio também não tem. O banco está fechado, pois os seus funcionários se retiraram daqui. Estamos dispostos a suportar tudo que o senhor quiser fazer contra nós. A cidade confia na defesa que organizou. Rodolfo Fernandes, prefeito."

**O ATAQUE** - Nesse mesmo 13 de junho deu-se o ataque de Lampião a Mossoró, de acordo com um plano idealizado pelo cangaceiro potiguar Massilon Leite Benevides, conhecedor da região. Massilon confiou na negligência da população, que não acreditava num ataque de Lampião. Ele não sabia, porém, da determinação do prefeito e dos cidadãos que se dispuseram a defender a cidade contra os marginais, que foram rechaçados e bateram em retirada, deixando para trás um companheiro morto e outro ferido. Nunca mais Lampião se atreveu contra nenhuma cidade do Rio Grande do Norte, ele que, referindo-se à resistência de Mossoró, chegou a fazer o seguinte comentário: "da torre da igreja, até o santo atirava na gente."



**Editora Queima-Bucha**

Rua Jerônimo Rosado, 271 - Centro

Mossoró RN - 59610-020

queimabucha@uol.com.br

[www.queimabucha.com](http://www.queimabucha.com)

